

Razões das coincidências



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

Os últimos dias revelaram surpresas interessantes ou coincidências reveladoras. Há um grupo de estudiosos que não acredita em coincidências porque elas sempre indicam tendências ou verdades escondidas; bem escondidas, aliás. Não chega a ser surpresa o presidente Lula anunciar, na sua visita à Indonésia, que será candidato pela quarta vez à Presidência da República. Surpresa é ele declarar que está com saúde igual aos de seus longínquos 30 anos, mas não revelar que continua a pensar da mesma maneira que há 50 anos. Ele mantém sua visão da sociedade dividida e protegida por sindicatos. Longe da disputa pelo melhor preço e maior qualidade.

Lula tem a mesma idade de Donald Trump. Mas o presidente dos Estados Unidos não esconde o que pensa sobre mercado livre. Sustenta que os Estados Unidos vêm sendo roubados, o termo é este, por países mais pobres que não aceitam a norma do livre-comércio. Ele pretende forçar a reindustrialização do país por meio da imposição de tarifas escandalosas a seus parceiros. É um simples discurso, com efeitos superpostos e complexos, porque o homem forte do vizinho do norte pretende, na realidade, aumentar sua fortuna. Ele, como o brasileiro, precisa de um discurso incisivo que permita negociações acrobáticas na mesa em que os dois deverão se encontrar na reunião dos países asiáticos a partir de amanhã.

Trump cometeu a heresia que ninguém poderia prever. Entregou 40 bilhões de dólares para salvar a economia da Argentina. E justificou: “Eles estão quebrados”. O dinheiro vai chegar a Buenos Aires, mas poderá ser aplicado em investimentos extremamente rentáveis. A Argentina possui longas extensões de terras raras, petróleo em grande quantidade e carne de ótima qualidade, de que é um dos maiores produtores mundiais. Um negócio perfeito para quem enxerga oportunidades comerciais a longo prazo. E ainda oferece a chance de incomodar os chineses que, nos últimos tempos, têm feito bons negócios com os vizinhos do sul. Eles podem ser levados a deixar de investir no país e fechar a base de monitoramento de satélites que mantêm no sul do país.

Outro sinal interessante, coincidência intrigante, foi a súbita pressão de Washington sobre o governo de Israel para acabar com o conflito em Gaza. O território palestino deverá ser administrado por uma coligação internacional, da qual Telaviv não fará parte. Garantida a segurança do Estado Judeu, o genro Jared Koshner, que não tem cargo no governo de Washington, viaja como negociador oficial dos Estados Unidos para fechar um dos grandes negócios do século: a reconstrução de Gaza. O outro negócio espetacular é a reconstrução da Ucrânia, que agora começa a incomodar Trump. Ele julgava que as principais providências já tinham sido tomadas. No entanto, Putin demonstrou pensar diferente. Ele quer mesmo refazer a velha União Soviética. Há um conflito no ar, na terra e outro nos gabinetes por onde corre o dinheiro. Os valores russos depositados em bancos ocidentais podem ser utilizados para a aquisição de material bélico a ser utilizado contra a própria Rússia. Coisa de profissional.

O mundo ocidental passou nesta semana por instabilidade em diversos aplicativos importantes

no cotidiano do brasileiro. McDonald’s, Mercado Livre, Pinterest, Wellhub e a rede social Snapchat estiveram entre os diversos serviços com problemas de acesso, quando o Amazon Web Services apresentou instabilidades. O AWS é uma plataforma de computação em nuvem para uso de desenvolvedores de aplicativos e sites, com pagamento sob demanda. A instabilidade do AWS virou notícia em todo o mundo porque influenciou o comportamento de usuários e afetou o faturamento de diversas empresas. O episódio coloca foco no fato de que no mundo cibernético atual há excessiva concentração de poder em poucas empresas. E também são pouquíssimas empresas que possuem capacidade efetiva de trabalhar nesse ambiente extremamente competitivo e desenvolvido. Em bom português, além dos americanos, só russos, chineses, talvez alemães e israelenses, têm capacidade para navegar com segurança neste segmento. É uma guerra permanente, que só aparece nos jornais quando os sistemas param de funcionar.

Uma grande empresa precisa demonstrar para outra enorme que possui a capacidade de desligar seu computador, ouvir suas conversas mais secretas e fazer seu dinheiro sumir da conta no banco. E fazê-lo reaparecer depois de receber algumas, digamos, vantagens. As coincidências estão muito coincidentes. Forças navais norte-americanas, poderosas, estão atacando barcos com motor de popa em águas internacionais no Caribe e no Pacífico. Dizem ser traficantes de drogas. Mataram todos. Não prenderam ninguém. E agora ameaçam com invasão por terra. Colômbia e Venezuela, com especial destaque para esta última, são grandes produtores de petróleo perto do sul dos Estados Unidos. O pretexto de perseguir o tráfico é importante, relevante e razoável. Exceto por um único detalhe: o maior mercado consumidor do mundo de drogas é o norte-americano. As coincidências possuem razões bem definidas.



O protagonismo negro na política e nas ações em defesa da fé afro-brasileira



» LUIZ ALVES
Ôgan Assogbá, integrante do Projeto Onibôdê

Por muito tempo, o povo negro foi relegado à condição de coadjuvante em sua história. Nos contaram que política e religião não deveriam se misturar, mas somente nós acreditamos e, enquanto isso, as bancadas evangélicas ganharam força nos espaços legislativos — de câmaras municipais ao Congresso Nacional —, muitas vezes, sendo usadas para barrar avanços nas lutas do povo negro e das comunidades de matriz africana. Nesse contexto, torna-se urgente e necessário que o protagonismo negro esteja, cada vez mais, presente na política e em todas as ações de defesa da nossa identidade, tradições e direitos.

Ser negro/a e praticante de uma religião afro-brasileira é, por si só, um ato político diário. É resistir à opressão histórica, ao racismo estrutural e religioso. Por isso, precisamos ocupar os espaços de poder com nossas representações, nossas vozes e crenças. Não podemos ser apenas apoiadores/as ou figuras secundárias — temos que estar à frente das lutas. Como diz o princípio africano do Ubuntu: “Eu sou porque nós somos”. Viver em coletividade é também garantir que quem sobe ajude quem está vindo atrás.

É fundamental incentivar a juventude e o

povo de axé a buscar educação, formação política e espiritual para que possam assumir papéis decisivos com a caneta na mão e a ancestralidade no coração. Precisamos eleger parlamentares negros e, especialmente, afrorreligiosos/as, capazes de promover políticas públicas que garantam liberdade de culto, segurança alimentar, preservação cultural, respeito aos rituais tradicionais, acesso à terra e o combate ao racismo institucional. Que Xangô, orixá da Justiça e da retidão, guie-nos nessa jornada. Que saibamos conciliar fé e política com sabedoria, determinação e coragem.

A história das religiões de matriz africana no Brasil é de resistência, adaptação e permanência. Apesar da escravidão, dos quilombos destruídos, dos terreiros perseguidos e das leis que criminalizaram nossos ritos, nossos ancestrais mantiveram vivos os tambores, os cantos, os nomes dos orixás, os segredos da cura e os ensinamentos da sabedoria ancestral. É nosso dever honrar essa herança não apenas com devoção, mas com ação. E a ação começa na educação.

A educação é a maior arma contra o racismo — seja ele social, étnico seja religioso. É por meio da leitura, do estudo, da crítica e da formação intelectual que nossos jovens podem desconstruir o colonialismo interno, aquele que ainda tenta nos convencer de que nossas tradições são “atrasadas”, nossas crenças são “superstições” e nossa espiritualidade é “demoníaca”. Nada mais falso. A religiosidade afro-brasileira é um sistema filosófico, ético e cosmológico profundamente complexo, que ensina equilíbrio, responsabilidade, respeito à natureza e ao próximo. É uma ciência ancestral que merece ser valorizada, estudada e defendida com orgulho.

É por isso que o protagonismo político do povo negro e das comunidades afrorreligiosas não pode ser adiado. Precisamos de mais negros nas universidades, nos tribunais, nas câmaras municipais, nas assembleias legislativas, no Congresso. Precisamos de mais mães e pais de santo com mandato, com voz ativa na construção de leis que protejam a diversidade religiosa. Precisamos de jovens negros que, ao invés de serem afastados do poder, sejam formados para ocupá-lo com dignidade, ética e coragem.

A fé não é inimiga da política. Pelo contrário, quando guiada por princípios de justiça, a fé pode ser uma das forças mais transformadoras da política. Quantos parlamentares se dizem cristãos, mas votam contra os pobres, contra os direitos das mulheres, contra a igualdade racial? Nossa espiritualidade nos ensina o oposto: que todos são filhos/as de um mesmo Olorum e, portanto, merecem respeito, pois a verdadeira religião está no cuidado com o outro.

O caminho é longo, mas não estamos sozinhos. Temos nossos ancestrais. Temos os orixás nos protegendo. Temos a força do povo, a sabedoria das pessoas mais velhas e o entusiasmo das mais novas. E a certeza de que, enquanto a juventude negro ler, tocar atabaque e usar bem o título eleitoral, a luta seguirá viva.

Que filhos/as de axé saibam que estudar é ato sagrado. Que votar é um ato de proteção. Que liderar é um dever espiritual. Que a fé e a luta caminham juntas, como irmãs inseparáveis. E que o futuro do Brasil verdadeiramente justo e plural só será construído com as mãos, os corações e as mentes do povo negro à frente.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Uma extensão do corpo humano

Constituem-se um dos efeitos colaterais mais proeminentes da modernidade digital a irrupção e a subsequente proliferação de uma vasta e heterogênea plêiade de generalistas em todas as esferas do conhecimento e da opinião. Encontram-se, frequentemente, esses indivíduos imbuídos de certezas inabaláveis e de uma vaidade desmedida, elementos que paradoxalmente os credenciam no ambiente virtual à oferta irrestrita de conselhos normativos e à disseminação de modelos comportamentais pretensamente universais. Essa vã ambição de assumir um status de especialista que não corresponde à sua formação ou à sua experiência real adquire contornos de periculosidade ainda mais significativos quando as análises e as prescrições desses novos “gurus” digitais são adornadas e instrumentalizadas pela moldura político-ideológica que professam publicamente.

Excetuando-se o contingente restrito de profissionais do jornalismo investigativo, cuja natureza do mister exige uma imersão constante e abrangente em uma vasta gama de assuntos e especialidades, o cenário contemporâneo das mídias sociais se configura fundamentalmente como um incessante festival de superficialidade e besteiro. Observa-se que a adesão entusiástica e acrítica a esse conteúdo se revela tão perigosa para a integridade intelectual quanto a metáfora de caminhar inadvertidamente sobre um terreno pantanoso sem sustentação firme. Desapareceu do horizonte de análise a aplicação criteriosa do bom senso e da reserva epistemológica, embora existam, evidentemente, notáveis exceções que merecem ser registradas e valorizadas no debate público.

Sob o pretexto de preencher um aparente vazio de ideias e de conteúdo, verifica-se a tendência perigosa e generalizada de todos falarem sobre tudo, o que culmina tragicamente na mútua ininteligibilidade entre os interlocutores. Vivencia-se, em decorrência, uma espécie de moderna Torre de Babel, onde a própria linguagem parece ter se despojado de sua força primordial como veículo de comunicação efetiva e de entendimento consensual.

O poder comunicativo da linguagem foi drasticamente reduzido, precisamente no momento histórico em que as tecnologias de comunicação baseadas na internet pareciam concretizar a conexão instantânea do globo em tempo real e com riqueza audiovisual. Demonstra-se igualmente intrigante o fato de que esse período de profunda dissonância e ruídos comunicacionais já havia sido previsto e teorizado em épocas pretéritas. O caos político-institucional observado no cenário nacional serve como eloquente evidência para essa tese, e a persistência de inúmeros conflitos armados e guerras em escala global atua como um reforço empírico inquestionável.

Ocasão propícia para uma revisão e repensamento dessas previsões foi o ano de 2011, quando se celebrou o centenário de nascimento do influente filósofo e professor canadense Marshall McLuhan, formulador do controverso conceito de Aldeia Global. Sustentava McLuhan que os meios de comunicação emergentes teriam se transformado em uma extensão natural e quase orgânica do ser humano moderno. Postulava que as novas tecnologias não só interligariam o mundo geograficamente, mas também promoveriam uma unificação cultural, dada a sua capacidade de influenciar estruturalmente os modos de pensar e de perceber a realidade da sociedade. Nesse sentido, é crucial rememorar o aforismo central de sua teoria: “O meio é a mensagem”, indicando que a forma da tecnologia, e não seu conteúdo, é o agente transformador da sociedade.

Concretizaram-se em parte algumas dessas projeções mcLuhanianas, mas a custo de uma realidade profundamente paradoxal: jamais, em toda a história, a humanidade esteve tão tecnologicamente conectada e, simultaneamente, tão psicologicamente isolada e solitária. Tal paradoxo se manifesta no comportamento dos usuários: mais de 90% dos entrevistados em pesquisas sobre o uso da internet no Brasil relataram conectar-se diariamente (TIC Domicílios, 2019), o que sublinha a ubiquidade do meio, mas não garante a qualidade ou a profundidade das interações sociais que dele emanam. Fomos alimentados pela ideia utópica de uma intrínseca igualdade humana universal, mas, quando nos defrontamos com a manifestação incontornável das diferenças, reagimos com hostilidade, arrendamento e polarização.

Um caso paradigmático que toca diretamente a realidade nacional reside nos intensos debates políticos envolvendo as vertentes ideológicas da esquerda e da direita. Embora a divergência essencial de perspectivas seja intrinsecamente compreensível e inerente ao jogo democrático, o que se torna absolutamente inaceitável é a exclusão e a marginalização do Brasil e dos cidadãos brasileiros das discussões substantivas. Tal exclusão se deve, em grande medida, a uma visão obtusa e anacrônica professada por setores das esquerdas que demonstram uma recalcitrância em aceitar a transformação social e ideológica pela qual o país tem passado. Evidencia-se a incapacidade desses setores em reconhecer que a sociedade brasileira evoluiu e, com ela, surgiram diferenças e demandas expressadas por uma parcela majoritária da população que exige ser representada e ouvida no processo de deliberação política.

» A frase que foi pronunciada

“Uma coisa sobre a qual os peixes não sabem absolutamente nada é a água, uma vez que não têm um antiambiente que lhes permita perceber o elemento em que vivem”

Marshall McLuhan

» História de Brasília

Rebatemos as insinuações, porque custa-nos crer que homens de gabarito, como o cel. Barlem e o dr. Valdir Santos, participem de uma Comissão para não apurar a verdade. (Publicada em 10/5/1962)